

O POVO NA CRUZ

Autor: Leandro Gomes de Barros

Alerta, Brasil, alerta!
Desperta o sono pesado,
Abre os olhos que verás
Teu povo sacrificado
Entre peste, fome e guerra
De tudo sobressaltado.

O brasileiro hoje em dia
Luta até para morrer,
Porque depois dele morto
Tudo nele quer roer,
De forma que até a terra
Não acha mais que comer.

A fome come-lhe a carne
O trabalho gasta o braço
Depois o governo pega-o
Há de o partir a compasso
Estado, alfândega, intendência.
Cada um tira um pedaço.

O médico cobra a receita
O boticário a meizinha,
O juiz confisca logo
Alguns bens, se acaso tinha,

Inda ficando uma parte
Diz a Intendência: - É minha!

Assim morre o brasileiro
Como bode exposto à chuva,
Tem por direito o imposto
E a palmatória por luva
Família só herda dele
Nome de órfão e viúva.

Morrendo um pobre diabo
Se acaso deixar dinheiro,
Ainda deixando um filho
Este não é seu herdeiro
Só herda dele o juiz,
O escrivão e o coveiro.

E o governo bem vê
Nossos martírios cruéis
Só faz é nos botar selo*
Da cabeça até os pés
Diz: - De manhã morre um
Ao meio-dia nascem dez.

** Selo – estampilhas dos impostos.*

E grita: - Viva o imposto,
Morra quem estiver doente,
Morrem cem, nascem dez mil,

O Brasil tem muita gente
O tempo está muito bom
Toca o banquete pra frente!

O governo estraga o pão
Dizendo: - Não custou nada,
Dinheiro nasce no mato
Acha-se em qualquer estrada,
Vendo o mendigo morrer
Como fosse ao pé da escada.

Porque o pobre infeliz
A quem a fome deu cabo
Diz o prefeito morreu
Pode levar o diabo
Diz o coveiro: - De graça
A sepultura eu não abro.

São estas as garantias
Que competem ao brasileiro,
Tem fome em cima do pão
Ser pobre tendo dinheiro
Ser mandado pelos servos
Isto causa destempero!

Como vive o brasileiro
Com três impostos a pagar?
Um corpo com três feridas
Como assim pode escapar?

Um ser escravo de três
Se acaba de trabalhar.

São tantas as perseguições
Dos impostos que se paga
Que um fiscal para nação
Não pode haver maior praga
É como bala de rifle
Onde vai fura ou esmaga.

Não há mesmo quem resista,
Estes impostos agora
Diz o governo que tem
Quer morrer tudo uma hora?
Quando o morto se acabar
Eu boto o bagaço fora.

E se não houver inverno,
Como o povo todo espera,
De Pernambuco não fica
Nem os esteios da trapera,
Paraíba fica em nada
Rio Grande desespera.

O Rio de Janeiro, hoje
Parece um grande condado,
Ri-se o rico, chora o pobre
Lamentando o seu estado
Diz o governo, eu vou bem,

Tudo vai do meu agrado.

São Paulo para o governo
É primor da criação,
Eu o acho parecido
Com sítio da maldição,
Aquele que Judas comprou
Com o ouro da traição.

Filho de chefe político
Inda bem não é gerado
Diz o pai minha mulher
Já tem no ventre um soldado
Mas antes de sentar praça
Eu o quero reformado.

Assim antes de ser casa,
Já podia ser tapera,
Ou caju que antes da fruta,
Já a semente prospera
Ou é raça de pescada
Que antes de ser já era.

Nosso Pernambuco velho
Há anos anda caipora,
Vendo-se a hora e a instante
Que a capital vai embora
O governo está marcando
Em botar-lhe o bagaço fora.

Paraíba coitadinha!
Já perdeu toda esperança,
É mesmo que uma boneca
Nas unhas de uma criança,
Faz toda súplica ao governo
Mas suplica e nada alcança.

Em que hoje está tornado
O país da Santa Cruz!
Está igual a mariposa
No calor do fogo ou luz,
O brasileiro é um verme,
O estrangeiro é mastruz.

O Brasil hoje só presta,
Para inglês, padre e soldado,
Médicos, feiticeiros e brabos,
O mais vive acabrunhado,
De forma que fica o mundo,
Por estes só situado.

O rico matando o pobre,
Nem se recolhe a prisão,
Diz logo o advogado,
Matou com muita razão
Se passa um mês na cadeia,
Tem a gratificação.